

FORMAÇÃO CONTINUADA ATRAVÉS DOS DIÁRIOS DE CLASSE: LUGARES DE MEMÓRIA, FORMAÇÃO E INCLUSÃO DE DISCENTES SURDOS

Ana Lúcia Oliveira Aguiar

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), oliveiraaguiarpetro@gmail.com

Stenio de Brito Fernandes

Programa de Pós- Graduação em Educação (POSEDUC/UERN), steniondre@hotmail.com

Charles Lamartine de Sousa Freitas

Colégio Diocesano Santa Luzia (CDSL), Charles.lamartine@gmail.com

Francinilda Honorato dos Santos

Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC/UERN), nildinhameneses@bol.com.br

Eliane Correa Cota

Universidade Potiguar (UNP), elianeeg@hotmail.com

O diário de aula, de professores de alunos com surdez, como lugar da memória das marcas do vivido, do aprendido, do ensinado, de suas dúvidas, das tensões, das emoções, das barreiras e da possibilidade de intervenção. Este recurso é entendido como uma espécie de negociação em três faixas: eu narrador, eu narrado e a realidade, constitutivas de discurso construído no processo de interação social entre alunos e professores (ZABALZA, 2004). O objetivo é instigar a busca pela formação continuada na perspectiva da inclusão de pessoas com deficiência através das reflexões sobre o que dizem nossos diários de classe, nossos cadernos purgativos sobre limites e dificuldades vivenciadas em sala de aula e a (auto) formação. Utilizaremos as narrativas escritas em diário de classe dos procedimentos utilizados para adequação para discentes surdos, a leitura (auto) reflexiva e desenvolvimento de adequações. Confirma as possibilidades simbólicas e buscas metodologias possíveis para o acesso e permanência, com qualidade, dos sujeitos escolares com deficiências, bem como um lugar para um repensar da formação inicial com vistas à formação continuada. Como processos de aprendizagem, e formação. Os diários de classe são importantes lugares para um repensar da prática docente.

Palavras-chave: Diário de Classe, Prática pedagógica, Interação, Memória, Inclusão.

INTRODUÇÃO - Vivenciando o que dizem, sentem, silenciam, ensinam

Aprendizagem e inclusão através dos diários de classe é mais uma das etapas de uma série de artigos que estamos erguendo desde 2007, em uma construção que tem desembocado em rodas de conversa, em Projeto Insitucional de Iniciação Científica (PIBIC) e Projeto Institucional de Inovação Tecnológica (PIBIT) quando iniciamos nossa experiência com alunos com surdez no Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e um trabalho com o Departamento de Apoio à Inclusão.¹ É mais um dos espaços de discussão de práticas que

¹ Hoje Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN)



apresentamos ao leitor sobre alternativas pedagógicas construídas em sala de aula no sentido de proporcionar aos alunos com necessidades educacionais especiais o que muitos de nós defendemos que é o caminhar da política de integração à política da inclusão. Para tanto, precisamos problematizar as estruturas institucionais educacionais, nosso saber-fazer educativo.

Acreditamos e defendemos que uma das vias para minimizar os limites construídos pelas políticas de inclusão está na formação continuada. É certo que não estamos deixando de observar uma série de outros elementos importantes e pertinentes, mas enquanto dizemos que fazer a inclusão é um processo, nesse processo temos que refletir sobre o que está bem mais próximo ao educador que é a sala de aula e as diferentes alternativas e possibilidades no que diz respeito à busca pessoal.

Presenciamos, cotidianamente, as desigualdades, o preconceito, o estigma, as marcas e, em nossa experiência, os alunos com surdez ainda lá no canto da sala buscando entender, ouvir por outros meios, sentindo-se culpados pelas barreiras de compreensão, caminhando pelos corredores em busca de quem possa acenar com sinais que eles possam compreender. Olhando, vislumbrando a presença de um intérprete ou de professores que saibam a Língua de Sinais Brasileira. Temos ainda bem claro, a agonia dos alunos ouvintes que pouco ou quase nada podem fazer por seus limites da mesma forma de entendimento da primeira língua dos alunos com surdez.

Continuamos afirmando que nós professores ainda carregamos em nossa formação a procura pelo *bom aluno*, pelo *aluno inteligente*, pelo “aluno que quer estudar”. Preservamos nossos planos de aula bem organizados tecnicamente, dentro do tempo e da literatura da Didática. O tempo é curto, dizem alguns. Há muitas atividades, afirmam outros. As teorias tem supremacia no espaço da sala de aula. Grilhões de formação, armaduras resistentes ao tempo, roupas, rituais, papéis que nos acompanham ao longo de nossa formação. Pensamos ofuscados por esses fantasmas que nos rodeiam e nos exigem, para termos nossa prática bem executada, repisar o passado.

Exigimo-nos, nessa trajetória profissional com alunos com surdez, exercitar outros lugares, outras situações escolares, outros instrumentos de sala de aula. Pensamos em nossos diários, em nossos cadernos de anotações e registros cotidianos. Nestes, deixamos as marcas do dia a dia, das emoções, dos desafios, de nossas falhas, de nossos limites, nossa memória. Mas, por outro lado, deixamos também um documento interessante de reflexão e refação de nossa prática.

O caderno de anotações diárias utilizado enquanto os alunos e professores falam, dizem, participam, olham, observam, calam, são lugares, considerados, nesta experiência, fundamentais para retomar, repensar, refazer, rearrumar, rever, repensar todo o nosso processo de ensino e de





aprendizagem. Foi o caminho tomado por nós professores. Buscamos em nossas anotações elementos para uma autocrítica de nossa prática. O que as situações de sala de aula, registrados nos nossos cadernos, vão oferecendo de pistas? Que percurso poderemos retomar, linha a linha, escrito a escrito, emoção a emoção, palavra a palavra? Que outros caminhos podem indicar esse instrumento fantástico de aprendizagem nos processos de formação?

METODOLOGIA - Diários de classe: purgação e reflexão da prática do professor.

No que diz respeito às modalidades de diários tomamos as referência de Holly (1989 *apud* ZABALZA p.15) quando diferencia os diversos tipos de diários em função da modalidade de narração. Portanto, trabalharemos com as modalidades, Etnográfica e Terapêutica, definida pelo autor como “o conteúdo e o sentido narrado (...) levam em consideração os contextos físico, social, e cultural em que ocorrem os fatos narrados. Os eventos narrados aparecem como parte do conjunto mais amplo dos fenômenos que interagem entre si” e “cujos conteúdos servem para descarregar tensões de quem escreve”.

Partimos para enfrentar nossas atividades práticas desse lugar das anotações e pensamos os cadernos de anotações como um discurso produzido por nós, mas que está preenchido pelos discursos dos nossos outros, os alunos. Esses discursos são erguidos de sua história de vida, contação dessas histórias, registro das mesmas pelos alunos e professores, a riqueza de informação, perguntas, comparações, críticas, intervenções, da dinâmica da aula.

As anotações estão acontecendo desde 2007. São muitas memórias de aulas e atividades com alunos surdos na graduação e na pós-graduação. São anotações construídas da participação de dois alunos com surdez, do Curso de Pedagogia, e três alunos surdos do Curso de Mestrado em Educação, em sala de aula e nos encontros pelos corredores da faculdade, nos departamentos, em todo o campus da universidade, bem como nas aulas de campo. Em sala de aula, as anotações estão relacionadas à disciplina Antropologia e Educação, na Graduação, e no Mestrado nas aulas da Disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto) Biográfica e na disciplina de Educação e Cidadania. No Curso de Pedagogia uma vez por semana e no Curso de Mestrado duas vezes por semana em um total de 04 aulas por encontro. Nos outros lugares de ensino e aprendizagem as anotações acontecem durante as conversas sobre as dificuldades ou facilidades encontradas pelos alunos quanto ao processo de inclusão e nas aulas de campo sobre a interação na prática das entrevistas de campo. Essas aulas de campo acontecem em espaços não escolares, tais como: Centro



de Abastecimento de Alimentos (COBAL), Mercado Central, Corredor das Artes e Memorial da Resistência, Museu de Mossoró, pelas ruas da cidade, nas praças de Santa Luzia e do PAX.

Em Rodas de Conversa, semanais, na sala do Grupo de Pesquisa, leram as anotações e refletimos sobre as dúvidas, as aflições, os medos, os anseios, as limitações. Discutimos onde ocorreram as maiores dificuldades, quais as possibilidades de reorganização das metodologias e readequações dos planos de aula. Os discentes surdos participam das Rodas de Conversa, em conjunto com professores e alunos ouvintes. Apontam, a partir das reflexões, como eles, da mesma forma, se sentiram em sala de aula, o que aprenderam, o que deixou de ser assimilado. Em seguida, é organizado um quadro mural em uma folha de papel madeira com os limites, resultados e alternativas.

Os trabalhos de anotações em diários de classe, que desenvolvemos desde 2007 até hoje, é objeto da escrita de artigos para apresentação em eventos científicos e resultou na escrita de Projetos de Pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC). Com a mesma importância, os referidos Diários de Classe tem possibilitado avanços no que diz respeito às adequações e tem ampliado o exercício para outras deficiências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO - O caderno e o lápis que alimentam a reflexão: a escrita, a narrativa, o outro.

Tomamos as noções de Zabalza (2004) para nosso exercício com os cadernos de classe.² O autor afirma que escrever o próprio diário de classe é uma interessante atividade para o autoconhecimento e a melhoria do trabalho dos professores. Acresce, diz o autor, que quando escrevemos nosso próprio diário experimentamos contar e contar a nós mesmos. Temos assim um duplo ato: o que realiza as coisas contadas e o autor que as conta. Acresce ser uma grande experiência narrativa que servirá para permitir uma nova experiência, através do vivido narrado e o que é mais importante a possibilidade de uma reconstrução do que foi experienciado diretamente. Admite o autor, que escrever e ler sobre o que fizemos é um importante exercício de leitura do que foi realizado, mas à distância. Esse distanciamento vai permitir um olhar manso, demorado, cauteloso, sensível sobre as entrelinhas do que fizemos e anotamos. Ver um traço, uma marca, uma lacuna, um dúvida, um receio, uma falha, um discurso paralelo aos acontecimentos cotidianos.

Para este artigo trabalharemos com o entendimento de Zabalza sobre as diversas denominações existentes para nos referirmos a essa técnica de documentação. Assim, concordamos

² Caderno de classe, para este trabalho, é o caderno no qual ele anota os acontecimentos durante as aulas.



que essas denominações podem ser: diário de aula, histórias de aula, registro de incidentes, observações de aula, etc... Então trabalharemos com a compreensão de que os diários de sala são “os documentos em que professores e professoras anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas” (ZABALZA, 2004, p. 13).

Autores como Pollak (1989) e Thompson (1992), tratando da ligação entre memória e identidade, enfatizam ser através da memória, que indivíduos podem recuperar suas histórias de vida interrompidas, por processos históricos, ocasionados por traumas históricos vividos. A sala de aula é um excelente espaço para que essas memórias sejam discutidas. No interior da sala de aula o universo simbólico circulante é instigante. E o que circula, então? Cadernos, diários, livros, papéis, aperto de mão, simpatias, abraços, cumprimentos, anotações, histórias, biografias. Elementos esses nos quais podemos registrar e retirar nossas memórias que movimentam sentimentos inquietos, silenciados, silenciosos, abafados, afetivos, destemidos, traumatizados, frustrados.

A opção, pela discussão teórica com esses autores, vem a propósito, para este estudo, pois ao levantarmos e registrarmos em nossos cadernos a história narrada por alunos em situação de “margem”, em decorrência do estímulo durante a aula, nossas anotações ao penetrarmos nessas narrativas, aproximam-se da análise de processos sociais no cotidiano, no micro de suas possibilidades, enfeixando o comportamento dos indivíduos em seu contexto cultural.

Dessa forma temos a história daqueles submetidos aos subterrâneos da história, em cena, que, embora em meio aos condicionamentos da estrutura, traçaram, em compartilhamento com outros sujeitos da relação social, um tempo e lugar das vontades de um grupo, da identidade de um grupo. Outro aspecto é, ao se estimular as narrativas e anotações, por todos, de suas histórias, em seu cotidiano, através da memória, mediante a incorporação dos pequenos acontecimentos da vida cotidiana, temos a memória como reveladora de realidades que não aparecem nos documentos pedagógicos oficiais. Portanto, violadas pelos documentos escritos. Sem espaço e sufocadas pelas metodologias tradicionais que percebem apenas o quadro, o giz, a técnica, o programa.

Por outro lado, o instrumento caderno de anotações, permite registrar o cotidiano em suas rupturas franqueando condição aos alunos e professores para o estranhamento, para a ousadia, para a criação, para a intervenção, para a mudança que implica no redimensionamento de sua prática educativa.

Cadernos de classe: purgação e reflexão da prática do professor.

Foi mencionado, neste artigo, a importância formativa de nossas anotações em cadernos, em diários, o alto valor formativo, vale repisar, de nossos diários (ZABALZA, 2004). A leitura





realizada nesse instrumento de aprendizagem, em momentos e lugares fora da sala de aula significa uma possibilidade de reflexão fora do palco dos acontecimentos. Zabala (1998) alerta que o enfoque pedagógico deve observar a atenção à diversidade dos alunos que implica, para o autor, estabelecer níveis, desafios e a ajuda necessária para superá-lo. Freire (2005) avisa que nós nos libertamos em comunhão.

Diante de orientações vindas das experiências práticas desses autores buscamos não ter medo de ousar, de reconhecer nossos limites, nossos dilemas, nossos preconceitos. Refletir sobre os estigmas (GOFFMAN, 1988) que muitas vezes reforçamos por fugirmos de nós mesmos quando não paramos para analisar uma aula, um plano, uma avaliação. Optamos por encarar nossos registros em nossos cadernos de anotações e refletir sobre eles. Experiência que supõe recodificar a experiência narrada e que nos leva a reconstruir o evento ou a sensação narrada.

Juntamente com as noções sobre os diários de sala, buscamos a discussão sobre memória entendendo que os diários de aula carregam as memórias dos sujeitos, alunos e professores. Para tanto, trabalharemos com Halbwachs, pois rejeita a ideia de que a memória seja algo apenas físico capaz de ser medida em laboratório. Sua noção de memória repousa na noção de que ela está relacionada a representações coletivas estabelecidas por grupos sociais e que sua materialidade está na sociedade. Os indivíduos, para ele, não se lembram por si mesmos, e, para lembrarem, necessitam da memória coletiva, ou seja, da memória que foi construída compartilhada com outros indivíduos.

Temos relatado sobre nossa experiência com alunos surdos em três artigos anteriores. Narrado das tensões, das dificuldades, das buscas, mas narrado das condições que um educador pode construir, juntamente com seus pares, alunos e colegas professores, tentando fazer parte não só das leituras e discussão sobre a inclusão, mas estabelecer a inclusão com qualidade. Portanto, analisar as dimensões e diálogos da exclusão que podem ser um caminho para a inclusão (SANTOS, PAULINO, 2008). O desejo é mais forte. É aquele cujas iniciativas, ações, construções metodológicas, teóricas e práticas incluam com qualidade todos os alunos.

Qual o sentido das anotações em nossos cadernos e sua releitura sistemática com a experiência de alunos com surdez em sala de aula? Pelo forte envolvimento com a luta pela inclusão. Observando os alunos com surdez em sala e não só escrevendo, mas escrevendo os gestos, a expressão do rosto, o movimento de sua cabeça procurando um colega para auxiliá-lo. As anotações desses momentos, quando se é educador e se quer ver esse aluno total, favorecem





observar os momentos de suas dificuldades, de seus dilemas, de suas angústias e de sua satisfação por ter conseguido entender um conceito, uma atitude, uma ação, um procedimento.

Os cadernos de anotações trazem a purgação desses momentos. A etnografia de seus contextos, de sua família, de sua vida, de sua vizinhança. É um espaço terapêutico, descarrega as tensões de quem escreve, é um processo de catarse pessoal (ZABALZA, 2004). Reflexão sobre o momento catártico. Reorganização da prática evocada das leituras e releituras dos cadernos.

Fragmentos desses cadernos de anotações, o que traz, o que foi dito e observado como função inspiradora de novas práticas. Para tanto, estamos na categoria, como ensina Zabalza, de expressão das características dos alunos e dos próprios professores, pois focalizam a atenção nos sujeitos que participam do processo de ensino. Refere-se aos alunos, ao que cada um deles fizeram, como vão apresentando suas narrativas, como flui sua participação, como se sentem, como agem. Aqui a relação pessoal predomina sobre a tarefa, acrescenta o autor.

Com essa compreensão, apresentaremos momentos observados e momentos narrados. A voz, a arte de narrar e a memória coletiva evocada por essas narrativas. O que foi narrado, o que foi escrito e o que chamou atenção gerando mudanças na prática docente e na relação com os colegas em sala de aula?

Os aspectos mais significativos que nos levou a repensar a prática serão retirados desses cadernos de anotações. Vamos nos atear às anotações dos dilemas de compreensão por parte dos alunos com surdez referente à exposição das aulas e ao contato com pessoas fora do ambiente escolar vivenciados nas aulas de campo.

Momento da sala de aula. Antropologia e Educação. Discussão: Aventura Antropológica. O objetivo seria refletir sobre as funções e relações entre a sociedade, indivíduo e cultura colocando como ponto central da discussão a educação e a escola em sua interface com a Antropologia na perspectiva de promover olhares antropológicos em direção ao convívio de alteridade com o outro.

Nesse contexto, durante a explicação sobre o olhar antropológico e o conceito de alteridade os primeiros dilemas. Como explicar esses conceitos sem saber a Língua de Sinais Brasileira suficiente para fazer os alunos com surdez se apropriar desses conceitos?

Revedo o meu caderno de anotações dessa aula específica consta a seguinte anotação: “O que vou fazer meu Deus?” “Olho para o aluno com surdez e sinto agonia enorme por ter certeza que ele não estava entendendo nada”. “Vejo que os outros alunos ouvintes estão olhando para mim pedindo uma alternativa, cobrando”. “O que devo fazer?” “Puxa vida que dilema!” “O aluno surdo está me olhando o tempo inteiro pedindo socorro”. “De sua cadeira o vejo levando a mão a cabeça e





movimentando-a de um lado para o outro dizendo que não está entendendo. Pensei que meu plano de aula estivesse bem organizado, mas não me dei conta de procedimentos para alunos com surdez. O que fazer agora?”

Vou ao quadro e anoto as palavras: Antropologia e Alteridade. Peço que olhem o dicionário. Outro aluno diz: “professora, ele não está entendendo nada”. “Não sabe procurar no dicionário”. Leio a anotação do olhar de agonia do aluno procurando um socorro, uma ajuda.

Peço para que todos escrevam o que entenderam da explicação sobre esses conceitos, ao final da aula. No caderno do aluno com surdez está escrito: “entender não aula”. Anoto em meu caderno que estou desesperada. Saio da sala com uma frustração enorme, mas ao mesmo tempo com a escrita do dilema para refletir.

Aula de campo dois meses após o início das aulas. Queríamos compartilhar com os alunos como se pode aprender e se ensina em plurais lugares e que os saberes são plurais (BRANDÃO, 1995, TARDIF, 1990). Destino: Museu de Mossoró, como ponto de encontro e discussão sobre as tarefas de entrevistas na COBAL. A idéia era embalar nos alunos a reflexão sobre o professor como pesquisador, o professor como artista que melhora a arte experimentando de forma crítica o desenvolvimento de sua prática (STENHOUSE *apud* RAMALHO 2004). O que estava preparado? Perspectiva da investigação antropológica num compartilhamento com a educação. Iríamos discutir: quem é o outro? Os outros próximos e seus sentidos, o aluno e professor como antropólogos da educação, a pesquisa etnográfica.

Como eu me dividiria entre as equipes para a pesquisa? Reuni os alunos nos bancos que ficam em frente ao museu e comecei os encaminhamentos para divisão das equipes e saída à COBAL. Meu caderno de anotações revela os seguintes comentários: “vou me dividir entre as equipes, pois quero interagir com todos. Vou, no entanto, fica mais na equipe do meu aluno surdo já que vamos com uma intérprete. Quero observar como as pessoas percebem esse trabalho com um aluno com surdez”. “Agora estou mais aliviada por ter o apoio da intérprete”. “Ao atravessarmos a avenida de acesso à COBAL, gritei para o aluno com surdez: “espere”! “Meu Deus, ele é surdo, como vai ouvir?”

Durante o trabalho de campo todos os alunos ficaram à vontade e interagem com muita facilidade durante as entrevistas com os vendedores de frutas e verduras da COBAL. Os alunos ouvintes estavam à vontade e satisfeitos com a participação do colega surdo na aula. Em meu caderno estava escrito: “os alunos estão bem mais próximos do colega surdo e até disputando o





espaço em sua equipe”. “Observo a satisfação no olhar e no rosto do aluno com surdez”. “Ele está feliz e demonstra prazer na realização da tarefa”.

Quais dilemas vivenciados diretamente na prática que precisam ser trabalhados? Refleti que a dimensão do afeto, do lúdico, do contato, das atividades práticas precisava ser levada para a sala de aula. A impressão que tinha é que nossas tensões, de alunos e da professora, eram pontos de bloqueio. No entanto, as anotações realizadas durante as aulas apontavam preocupação com os alunos e como são importantes na rediscussão de nossa prática. Maffesoli (1988) adverte sobre a dimensão do sensível no conhecimento do cotidiano.

Nossos cadernos de anotações estão recheados de oportunidades para pensarmos e repensarmos nossa prática. Vamos continuar fazendo isso no dia a dia em conjunto com alunos e professores. Já estamos lendo essas anotações com alguns alunos em momentos do intervalo das aulas. Tem sido uma experiência prazerosa ver as expressões dos alunos e ouvir seus comentários. Traremos para um próximo artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A releitura dos nossos cadernos de anotações está em curso há dois anos quando nos deparamos com nossos bloqueios pedagógicos nas dimensões dos planos de aula, das metodologias, das avaliações, das relações em sala de aula, da inclusão.

No início eles apenas recebiam as anotações. Não havíamos nos deparado com a possibilidade, via essas anotações, de ser um recurso para abstrairmos nossos dilemas, limites e possibilidades em relação à nossa atuação profissional com alunos com surdez. Esses dilemas, essas angústias, esses medos, esses bloqueios presentes em nossas anotações como um lugar para repensarmos nossas preocupações em relação, também, ao conhecimento, às relações, à necessidade de um trabalho lúdico, nossas características pessoais.

Uma leitura de nossas narrativas que nos levam a pensar, lendo essas anotações, as situações nas quais precisamos interferir para permitir a inclusão de todos os alunos.

Para efeitos de nossa formação nossos diários de sala, de corredores e de aulas de campo tem sido um espaço de pesquisa do processo de ensino e um apreciável lugar de admiração do nosso fazer pedagógico, readmiração, admiração, como diria Paulo Freire. Os cadernos de anotações são mais um lugar para reflexão, avaliação, aprendizagem. Deixamos, aqui, esse convite.



REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 33. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

GOFFMAN. Erving. **Estigma**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Presses Universitaires de France, 1990.

MAFFESOLI, Michael. **O conhecimento em comum**: compêndio de sociologia compreensiva. Brasiliense, 1988.

RAMALHO, Betania Leite. **Formar o professor, profissionalizar o ensino**. Porto Alegre: 2ª ed. Sulina, 2004.

SANTOS, Mônica Pereira; PAULINO, Marcos Moreira. **Inclusão em educação**: culturas, políticas e práticas. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008

TARDIF, M.; OULLETH E. **Os saberes profissionais e de experiência docente**; (resumo das idéias centrais do texto apresentado em congresso, 1996).

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de classe**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. – Porto Alegre: ArtMed, 2004